

Estrutura precária ameaça escolas estaduais de MS

Escolas públicas Estaduais de Mato Grosso do Sul carecem de infraestrutura básica. Professores são obrigados a repartir materiais indispensáveis à sala de aula como o giz e na falta de armários para guardar livros didáticos, fogões velhos são utilizados. Diante desta situação a evasão escolar é crescente. A Secretaria de Estado de Educação de MS prevê reformas na estrutura dos colégios em até dois anos e equipamentos como computadores estão previstos para até o fim de 2010. Mesmo com estas ações o Governo estadual ainda vai ter que driblar a evasão escolar que atinge as instituições e até fecha escolas tradicionais da cidade. Em outros estados brasileiros como o Espírito Santo, até a lousa digital já é utilizada em salas de aula de escolas públicas.

Pág. 08



Impresso - Na Escola Estadual Guia Lopes, livros didáticos são guardados em cima de um fogão velho

Acessibilidade aliada à inclusão

Promover o acesso das pessoas portadoras de necessidades especiais ou com mobilidade reduzida à sociedade é, além de inclusão social, cumprimento à Lei N°10.098, que regula normas e critérios para a promoção de acessibilidade. Sendo o direito de ir e vir estabelecido para todos, cabe aos governantes e à própria população fazer acontecer as leis que estão no papel.

No Brasil, são 25 milhões de cidadãos que se declararam portadores de necessidades especiais, segundo pesquisa do Censo 2000. Para esta população, a acessibilidade deve começar em casa, com as adaptações necessárias para o dia-a-dia.

Pág. 06



Barreiras - Portadores de necessidades especiais reclamam

Indígenas buscam o Congresso

As próximas eleições para Deputado Federal, em 2010, trazem consigo um desafio para os vereadores indígenas de Mato Grosso do Sul. Eles já estão se articulando a fim de desenvolver estratégias para enviar pelo menos um representante ao Congresso Nacional. Há 20 anos, um sonho semelhante se tornou realidade. Quem não se lembra do mandato de 1983 à 1987 do Deputado Federal indígena, conhecido como Juruna? Mári

o Dzururá, da etnia Xavante,

BANCÁRIAS

Fraudes em senhas preocupam clientes nas transações

Os avanços tecnológicos crescem com tamanha rapidez, que junto com os benefícios trazidos por essas novidades vêm a vulnerabilidade quando o assunto são as senhas que dão acesso a qualquer tipo de arquivo. Dependente diretamente de senhas para o acesso às contas, os bancos mantêm um sigilo total quanto ao sistema de segurança que preserva os

Pág. 07



Tecnologia - Os riscos do uso do cartão de banco



Eleições - Indígenas querem representantes em Brasília falecido em 2002, ficou famoso por andar em posse de um gravador para registrar mentiras e falsas promessas. Sua filha, hoje residente em Dourados contou como foi a eleição

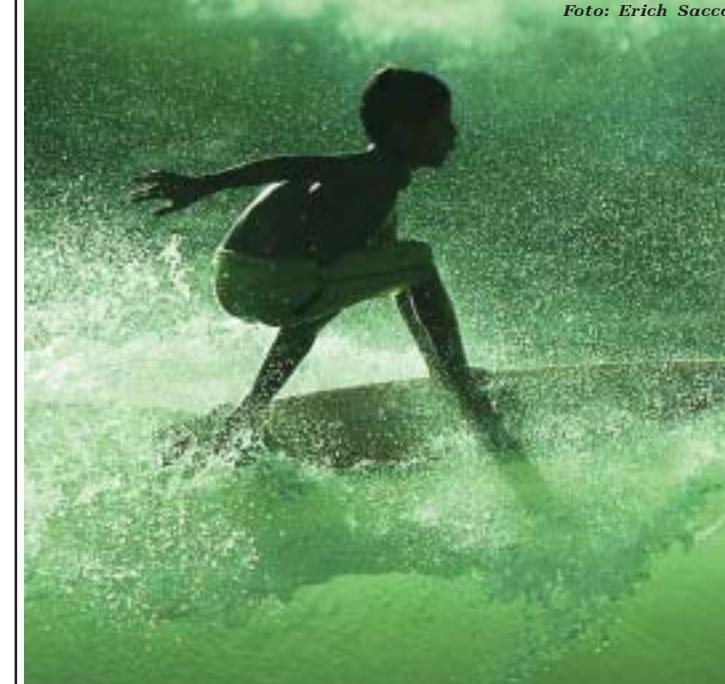
Pág. 04

ÍNDICE CADERNO A

Opinião	02
Entrevista	03
Política	04
Economia	05
Geral	06

CADERNO ZOOM

Cultura	09
Esporte	11
Universidade	12
Futuridade	13
Instantes	14
Resenha	15
Nossa Foco	16



Entrevista - O surfista de dez anos estampa uma das fotos que mais marcaram a carreira do fotógrafo mineiro Erich Sacco, de 42 anos, que vive em Campo Grande. Numa entrevista ao Em Foco ele revela detalhes da arte e técnica de eternizar momentos em imagens.

Pág. 03

zoom

Foliões revivem a magia dos velhos tempos

Com muita alegria e entusiasmo, os corumbáenses estão levando para a Avenida General Rondon os carnavales dos velhos tempos. Os desfiles mostram todos os personagens que faziam parte dos carnavales antigos, cultura que a população está revivendo para mostrar aos

foliões as brincadeiras e toda tradição dos primeiros desfiles. A passarela do samba volta para o passado contando toda uma história. Pastoreiras, palhaços, colombinas, e até mesmo carros antigos que representavam a corte europeia juntamente com as marchinhas de carnaval, alegram ainda

mais os desfiles. Assim esta sendo feito o resgate da maior festa popular do Estado.

Pág. 09

mais os desfiles. Assim esta sendo feito o resgate da maior festa popular do Estado.

Pág. 09

Editorial

Os UAU! da Educação

A importância da educação para o desenvolvimento da sociedade brasileira é inegável e merece muitas interjeições de espanto graças às contradições que marcam o setor. As quatro sílabas que formam a palavra E-DU-CA-ÇÃO são articuladas milhares de vezes nas bocas de políticos, ainda que sejam apenas de maneira retórica. A área da educação também

estampa as capas de jornais impressos, não sai das escaladas dos telejornais e reverbera forte nas ondas do rádio, afinal os jornalistas entendem que enquanto existirem problemas educacionais, nosso povo vai dar a partida, arrancar, acelerar, mas com o freio de mão puxado. No Em Foco deste mês, nossos acadêmicos repórteres mostraram os paradoxos das escolas estaduais de Mato Grosso do Sul, com professores que finalmente dizem não reclamar dos salários, mas têm que que-

brar o giz ao meio para economizar material.

A reportagem é um exemplo de que as autoridades educacionais que comandam as vidas de nossos estudantes não estão utilizando estratégias adequadas para gerir a educação de Mato Grosso do Sul.

Dinheiro tem, e por incrível que pareça as verbas educacionais aumentaram nos últimos anos. Um estudo divulgado este mês pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) revelou que os recursos públicos investidos na educação brasileira em 2007 foram de 4,6% em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Em números absolutos esse índice significa um aporte de R\$ 117,4 bilhões. UAU! Um investimento público em edu-

cação muito próximo dos 5% que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) registra em países desenvolvidos.

Mas não adianta ter tanto "dimdim" se escolas públicas estão fechando por falta de alunos. Nossos futuros jornalistas descobriram uma instituição de ensino em Campo Grande que evidencia os estranhos rumos da educação brasileira. Em dezembro do ano passado a Escola Estadual Antônio João de Figueiredo localizada na Região do Imbirussu na Capital, e que durante décadas foi responsável pela educação de jovens campograndenses fechou as portas. Salas de aula, carteiras, quadros-negros ainda estão lá. O número de telefone continua ativo. Quem atende do outro lado da

linha é a responsável pela faxina que ainda não foi transferida:

"A escola realmente fechou. Só ficamos eu, a secretária geral e o diretor, que não está no momento. Fechou por que não tem alunos."

UAU, de novo! Cadê os alunos, onde foram parar os jovens estudantes, ou melhor, por que eles evadiram-se do local e não querem mais voltar? Uma situação que fez nossas escolas públicas estaduais, colocarem faias nas fachadas gritando: Há vagas!!!

Pesquisa divulgada na semana passada pela Fundação Getúlio Vargas respondeu a diversos questionamentos sobre a evasão escolar brasileira, os motivos de jovens de 15 a 17 anos, que deveriam estar no ensino médio, não freqüentarem a es-

cola, 17,8% dos brasileiros desfaixa etária praticam um eterno "matar aulas".

Os adolescentes que responderam aos questionários da FGV produziram mais um UAU! neste texto: 40% dos jovens deixam de estudar simplesmente por que a escola é DESINTERESSANTE. A necessidade de trabalhar foi o segundo motivo apontado pelos jovens (27%), seguido da dificuldade de acesso à escola (10,9%), a terceira justificativa para a evasão escolar.

A torcida fica para que quem comanda a educação, aplique o dinheiro destinado a ela em formas de tornar atrativa e interessante a escola brasileira. Aí sim, o UAU!, vai ser de um espanto bom, acompanhado de um QUE LEGAL!

Ilustração: moquecacompanhia.blogspot.com

Novo horário: solução ou problema

OPINIÃO

Viviane Oliveira

A mudança de horário em Mato Grosso do Sul tem tirado o sono de muita gente e dividido opiniões entre médicos, bancários, empresários e até mesmo de pessoas que preferem o horário porque têm a sensação de sair mais cedo do serviço. Os argumentos de quem defende a mudança são as vantagens econômicas, já os que são contra, alertam para os ris-

cos à saúde. A verdade é que esta alteração pode influenciar no nosso dia-a-dia de forma negativa. Nós devemos pensar no assunto agora para não nos arrependermos, depois que o relógio for adiantado e o horário modificado não tem como voltar atrás.

Por causa do movimento de rotação e translação é que cada Estado do Brasil e lugar do mundo têm um horário diferente que chamamos de fuso horário. Isso mostra que cada local tem seu próprio horário porque depende da luz do sol, no Brasil, por exemplo, temos três fusos horários, sendo oficial o de Brasília.

Se o nosso Estado adiantar os relógios, todos nós teremos a rotina modificada, acordaremos no escuro e despertaremos mais tarde, o que forçará nosso metabolismo a funcionar quando ainda estamos com sono, isso provoca consequências, como redução da atenção, aumentando os riscos de acidentes, estresse, câncer de pele, aumento da pressão arterial e da frequência cardíaca, irritabilidade, entre outros.

No verão, os dias se tornam mais longos e as noites mais curtas, por isso a razão de adiantar o relógio em um hora. Quando adiantamos o relógio no verão, até acha-



mos bom, mas depois quando está para terminar o horário de verão é que o nosso organismo começa a mostrar sinal de cansaço. Então damos graças a Deus quando o horário volta ao normal. É por esse motivo que devemos analisar bem, porque se acontecer à mudança de horário será permanente.

Muita gente pensa que a

diferença do horário bancário prejudica as empresas e os bancários também acham que são prejudicados, porque as agências Sul-Mato-Grossenses não seguem o horário de Brasília, mas é equivocado esse pensamento, a tecnologia elimina todas as barreiras e distâncias. A maioria das transações são feitas via internet e funcio-

nam 24 horas.

Outro equívoco é por parte das pessoas que acreditam estar economizando energia elétrica. Pode até economizar, mas não de maneira significativa o suficiente para alterar o cotidiano de mais de 800 mil habitantes. Por isso, fique atento às mudanças que estão querendo fazer em nosso Estado.

Tecnologia a favor: mídias com maior agilidade

Elaine Bechuate

Com o mundo globalizado e conectado através da Internet, as notícias circulam de forma cada vez mais rápida pela rede mundial de computadores. Em épocas anteriores quando apenas rádios, televisões e veículos impressos eram os responsáveis pela difusão da informação, existia um ritmo diferente de produção e consumo de notícias. Hoje com a Internet todas essas mídias se fundiram, passando a se integrar e atingir um número crescente de leitores.

Com algumas características do jornalismo online e vantagens que ele oferece, o consumidor passou a ser mais exigente em relação ao jornalismo da web, que é marcado pela agilidade de

informação e também quanto ao acesso dos leitores, que normalmente estão com pressa e necessitam até mesmo fazer rápidas pesquisas. Aí encontramos outra vantagem que pode ser considerada mais uma característica do online, o banco de dados. Situação diferente dos outros meios de comunicação de massa, como o jornal impresso. As pessoas têm acesso às notícias que foram arquivadas e servem para serem reutilizadas. A interatividade deixa a desejar nos jornais impressos. Às vezes em programas audiovisuais ela está presente, mas no ciberspaço é tão freqüente que podemos citar vários exemplos, como o serviço de e-mail que permite ao leitor enviar sugestões e críticas. Abertura de links que dão acesso a outros sites, complementando aquilo que o leitor está vendo, são os chamados hipertextos, que oferecem uma variação de conteúdos.

Às vezes os sites perdem

valor diante de meios como a TV por ela disponibilizar um produto, que se pode dizer,

mais elaborado, que prende ainda mais a atenção do leitor. Mas hoje, o internauta também pode acessar esses recursos. Sons e imagens já são permitidos, elementos inovadores. São dife-

rentes tipos de linguagens em um único veículo, que facilitou a utilização mais jornalística, a facilidade da busca pela informação.

Weblog também é uma for-

ma de fazer jornalismo atual utilizando a interatividade já citada acima. O jornalista terá acesso a um weblog contribui e muito para a prática do jornalismo. Essa ferramenta, hoje

utilizada com freqüência, permite a troca de informações entre profissionais, estudantes da área e até para quem apenas se interessa em estar informado. Sugestões de pautas para outros veículos de comunicação também são encontradas nos weblogs. A participação do público permite a criação de novos produtos, e possibilita a interação com a audiência para saber como o produto deve ser conduzido a partir daí.

A personalização e customização se encaixam nas características dos sites da internet, pois com essas ferramentas, o leitor pode personalizar os conteúdos encontrados de acordo com as suas necessidades. Tudo isso podemos encontrar atualmente nos sites mais acessados, e a cada dia essas ferramentas agregam mais valores a esse veículo que a cada dia se torna inovador.

Edição de título e legendas:

- Rebeca Arruda

EXPEDIENTE

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta
Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Oswaldo Ribeiro e Inara Silva.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Alfonso Zanatta

Repórteres: Ana Laura Sandim, Caroline Maldonado, Elaine Bechuate, Gabriela Paniago, Haryon Caetano, Laziney Martins, Leonardo Amorim, Leonardo Cabral, Mirian de Araújo, Nilda Fernandes, Otávio Cavalcante, Paula Maciulevicius, Paula Vitorino, Rebeca Arruda, Renata Volpe, Tatiane Santinoni, Teresa de Barros, Thierre Monaco, Valeska Medeiros e Viviane Oliveira.

Capa: Edição de títulos e legendas: Jackeline Oliveira e Viviane Oliveira

Projeto Gráfico, tratamento de imagens e diagramação: Designer

- Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande - MS. Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel: (067)

3312-3735

Em Foco on-line:

www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade:

www.ucdb.br

E-mail:

emfoco@ucdb.br

emfoco.online@yahoo.com.br

Sacco

Fotógrafo orienta como sobreviver em um mercado concorrido

“A melhor maneira de se aprender fotografia é no dia-a-dia”



O fotógrafo Erich Sacco, 42 anos, nasceu na cidade de Passos em Minas Gerais. Quando tinha cinco anos de idade, se mudou para a cidade de São Paulo com sua mãe, onde viveu muito tempo. Aos 18 anos Sacco ganhou a sua primeira câmera fotográfica, e quando a segurou pela primeira vez pensou. “Vou ser fotógrafo”. Formado em Fotografia hoje Sacco tem um estúdio em Campo Grande, onde desenvolve diversos trabalhos, desde books à cobertura de eventos e trabalhos como livros de fotografia contando a história de vida das pessoas. Nesta entrevista o fotógrafo Erich Sacco conta um pouco da sua história, quando foi que percebeu sua vocação para capturar imagens, quais são as suas maiores inspirações, suas preferências e dá um conselho para as pessoas que desejam seguir a carreira de fotógrafo.

Teresa de Barros

Em Foco: Quando começou a fotografar?

Sacco: Eu comecei fotografando dentro de casa, no ambiente familiar, então dá pra dizer que tenho mais jeito com gente, com pessoas, mas me aprimorei muito nos últimos tempos em alimentos, arquitetura, gosto muito, a de alimento por que também gosto de cozinhar e a foto de um alimento, requer produção. Então não é só ser fotógrafo, tem que ser produtor, tem muito arranjo e a pré-produção é muito grande, você tem que elaborar uma série de componentes naturais e físicos que vão compor a imagem, é necessário estudar o design, pois a composição e o arranjo fazem a diferença neste caso.

Em Foco: O que te inspira?

Sacco: Desde garoto gostava muito de imagens, eu nunca fui muito falante, sempre observador, acho que observar como as coisas funcionam, a inspiração vem daí, de se observar, as coisas belas, por exemplo. Por isso a publicidade foi um caminho natural para mim, mas acabei abandonando o curso para fazer fotografia.

Em Foco: O que você tenta passar através das suas fo-

tos?

Sacco: Eu gosto de emocionar, estou sempre ligado na composição, pois o fotógrafo organiza tudo em uma imagem, é uma bagunça visual. Então, de certo modo, o meu trabalho é de organizar isso. Acho que a experiência e por ter uma bagagem visual, ajuda na hora de compor e organizar, acaba virando um exercício. Você bate o olho e já sabe.

Em Foco: Um lugar bom para se fotografar?

Sacco: Qualquer lugar é sempre muito interessante pra mim, com qualquer fotógrafo eu acredito que isso possa acontecer, qualquer lugar fora do seu ambiente normal ele é muito estimulante, apesar de não estar sempre com a máquina fotográfica na mão.

Quando estou andando na rua, observando, vendendo imagens bonitas o tempo todo, crianças e expressões, pessoas, paisagens, mesmo sem a máquina você tá pensando e fotografando sempre.

Em Foco: Qual foi a foto que te marcou?

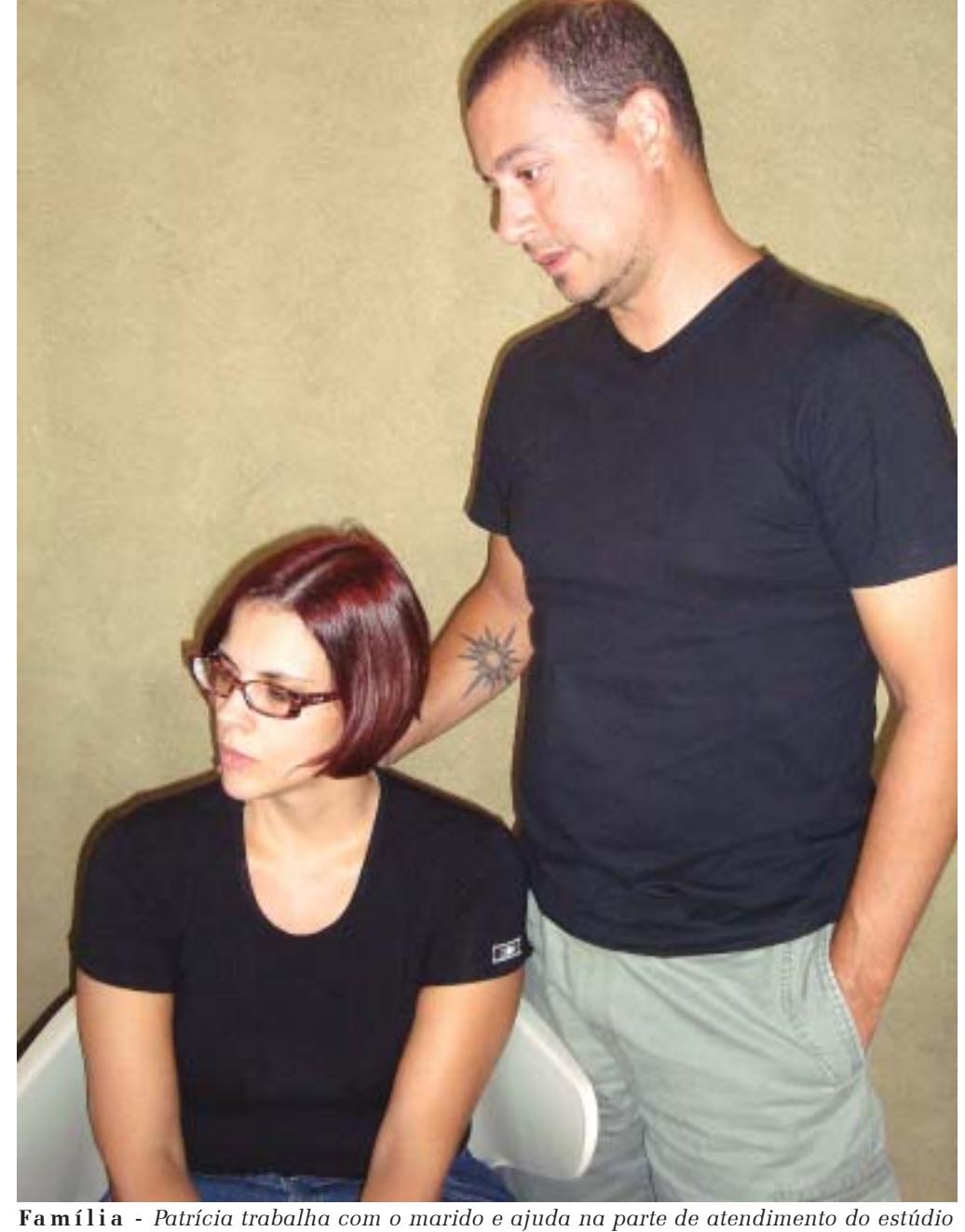
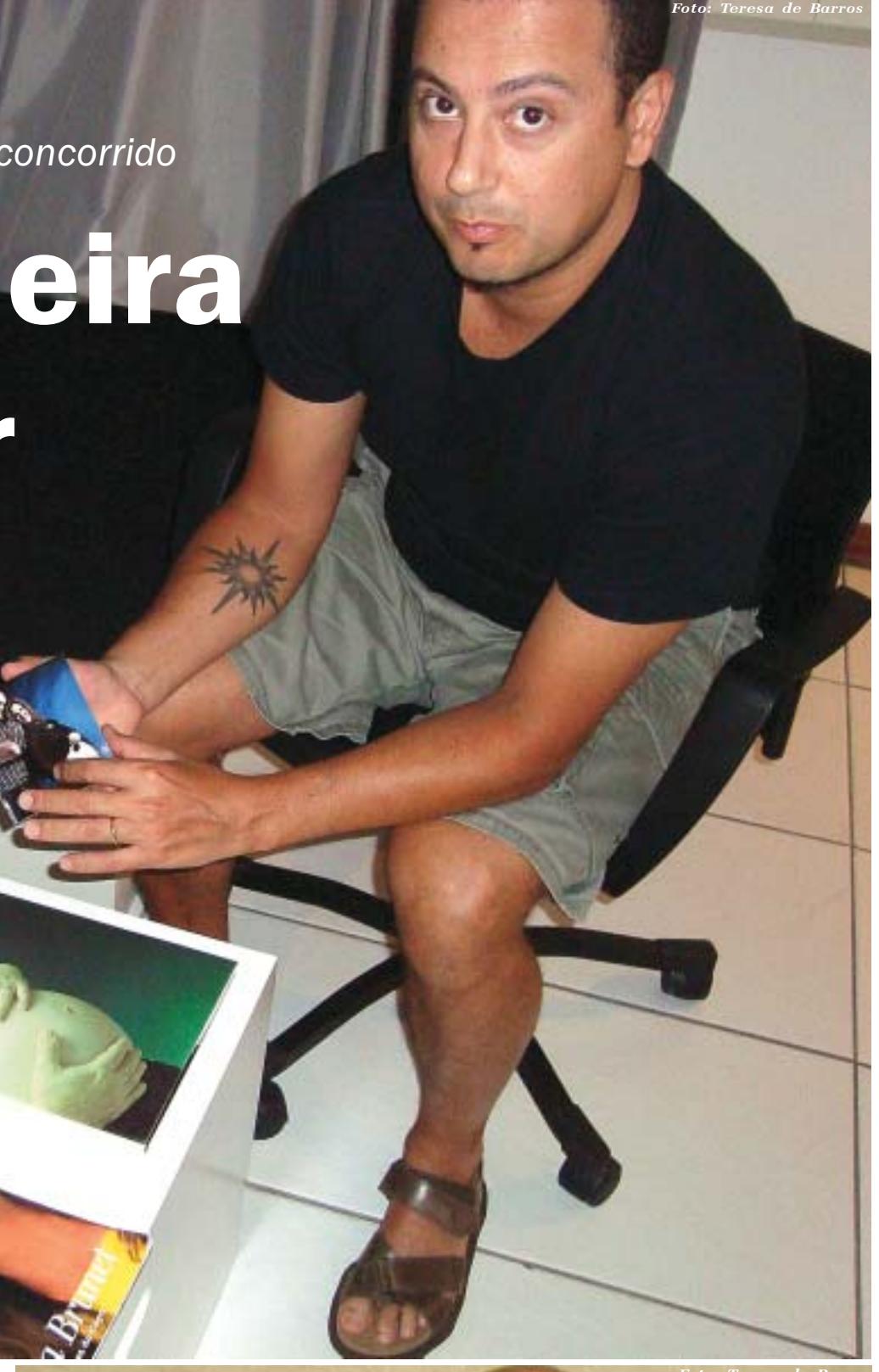
Sacco: Bom, existem diversas fotos que me marcaram, mas vou citar uma que particularmente gosto muito. Foi em uma viagem à praia de Pipa, estava tirando fo-

tos dos surfistas quando um menino de apenas dez anos de idade, apareceu surfando na crista da onda, o dia estava propício, o sol contra, é uma maneira que eu gosto de fotografar, com a luz contra, e tirei a foto do menino e ficou ótima.

Em Foco: Qual a vantagem da câmera digital?

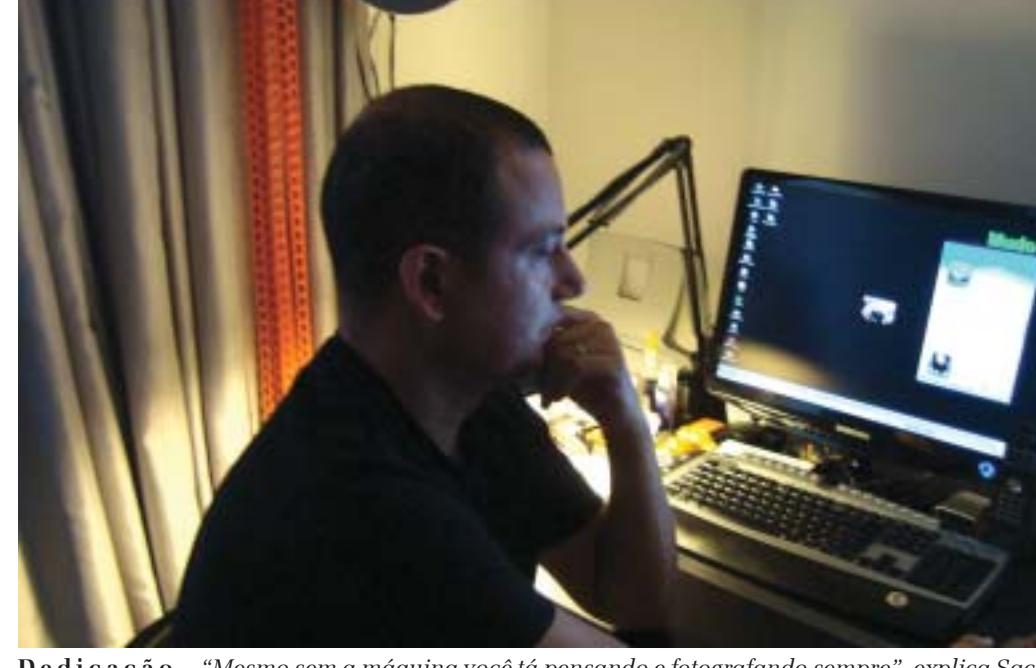
Sacco: A vantagem é que você pode fotografar mais, experimentar mais, eu acho que fotografia é muito isso, é experimentar, mudar o ponto de vista. Depois de um tempo se adquire experiência, mas para isso é preciso uma referência, olhar em um livro como que o outro profissional trabalhou a imagem, se gostar do estilo tentar fazer a mesma coisa, meu começo era assim eu tentava copiar. Passado um tempo, aquele monte de informações e de imagens já viraram um conjunto de informações e agora quando estou fotografando já nem sei da onde esta vindo aquele referência, aí se começo a experimentar, o fotógrafo fica sempre tentando, vendendo outros pontos de vista.

Em Foco: Qual a melhor maneira de se aprender a fotografar, e qual o conselho que você daria a quem almeja ser um fotógrafo?



Família - Patrícia trabalha com o marido e ajuda na parte de atendimento do estúdio

Foto: Teresa de Barros



Dedicação - “Mesmo sem a máquina você tá pensando e fotografando sempre”, explica Sacco

Sacco: A melhor maneira de se aprender a fotografia é no dia-a-dia, tratar as fotos, fazer editorial, uma externa, e é isso, pois quem se interessa em fotografia tem que aprender a fazer de tudo, por que hoje em dia o mercado é muito concorrido. Mas o meu conselho para quem deseja entrar nesse ramo é: primeiramente a pessoa tem que comprar uma máquina fotográfica, mas não precisa ser a melhor de todas, pois ao contrário do que pensam, para ser um bom fotógrafo não tem que ter apenas uma boa máquina, mas sim a técnica, saber mexer com a luz ambiente, ou artificial faz a diferença. E é clara-

ro estudar, fazer cursos e buscar trabalhar por que realmente é no dia-a-dia que se aprende de mais.

Edição de título e legendas:

- Leonardo Amorim

- Felipe Couto

ENTREVISTA

CAMPO GRANDE - ABRIL DE 2009

EM FOCO

Vereadores indígenas de Mato Grosso do Sul buscam na política melhorias para suas comunidades

Índios presentes na política

Caroline Maldonado

A história da política indígena no Brasil ficou marcada pela presença de um líder Xavante na Câmara dos Deputados Federais. Mais conhecido como Juruna, Mário Dzururá, falecido em 2002, ficou famoso por andar com um gravador para registrar mentiras e falsas promessas. O cargo como Deputado Federal foi de 1983 à 1987. Até hoje, o único mandato de Juruna é também a única representação indígena no Congresso Nacional. O avanço conferido pela atuação política do índio Juruna é seguido por uma estagnação de 22 anos, na qual nenhum outro indígena chegou ao parlamento. Esta questão preocupa os vereadores indígenas de Mato Grosso do Sul, que anseiam por maior e mais significativa representatividade política em prol das comunidades indígenas.

Foram eleitos, em 2008, nove vereadores indígenas. Os outros oito que eram candidatos não conseguiram a reeleição. É o caso do ex-vereador Arildo França, da etnia Terena, do município de Aquidauana, que pela primeira vez foi eleito com 4,6 mil votos, na segunda eleição conseguiu apenas 300 votos e na terceira candidatura não mais se elegeu. "A comunidade ainda não tem a consciência de que o vereador deve atender às necessidades coletivas e não individuais. Ela tem que se inteirar do trabalho do vereador para ver que ele precisa de apoio para reeleger-se e continuar defendendo os interesses da aldeia", lamentou Arildo.

Eleito pelo estado do Rio de Janeiro, Juruna tinha interesses mais abrangentes, mas também não conseguiu a reeleição. Segundo sua filha, Samantha Ro'otsitsina, de 23 anos, a população carioca não teve interesse em eleger novamente o pai. "Quando meu pai



Foto: Caroline Maldonado

Encontro - Índios se reúnem na I Capacitação para vereadores indígenas de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de questionar e defender assuntos relacionados aos índios

se elegeu, foi mais ou menos como a eleição do presidente Lula. Teve uma empolgação, uma esperança de melhoria de vida dos povos indígenas e aí ficou só nisso", contou.

Para o vereador e professor Otoniel Ricardo, da etnia Guarani, do município de

Caarapó, é importante a participação de toda a comunidade na política. "Na aldeia Caarapó fazemos reuniões com professores, rezadores, gente da área da saúde, liderança e estudantes para saber quais e como resolver os problemas encontrados. O papel

do vereador indígena é de porta voz da comunidade, mas cada um tem que assumir um compromisso", explicou.

O desafio para os vereadores segundo o coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas da Universidade Católica Dom Bosco (Neppi/UCDB), Antônio Brand é estratégico. "Vabilizar apoio e assessoria aos vereadores eleitos e manter e ampliar a articulação com as comunidades indígenas e suas organizações", explicou o historiador aos indígenas durante a I Capacitação para vereadores indígenas de Mato Grosso do Sul, oferecida pelo Programa de Apoio a Permanência de Indígenas na Universidade (Rede de Saberes) que ocorreu nos dias 12 e 13 de março em Dourados. O encontro contou com a participação do então presidente da Comissão de Desenvolvimento Agrário e Assuntos Indígenas da Assembléia Legislativa, deputado Pedro Kemp e Margarida Nicoletti, coordenadora regional da Fundação Nacional do Índio (Funai).

A capacitação foi avaliada, pela equipe do Neppi, como

de grande relevância, especialmente aos que exercem seu primeiro mandato. Uma segunda avaliação está prevista para agosto deste ano, que contará com a participação de maior número de acadêmicos e lideranças indígenas.

O acadêmico do 6º semestre de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Aquidauana), Carlos Ronaldo Miguel, avaliou o encontro como uma semana que irá crescer e fortalecer nas comunidades indígenas do Estado. "Encontros assim são importantes para sabermos questionar e defender assuntos indígenas e sermos úteis à nossa comunidade em relação à política", afirmou. Segundo os representantes dos acadêmicos da UCDB, Luiz Elio e Gislena Miguel, os estudantes querem maior articulação com as representações políticas em favor da melhoria de vida das comunidades envolvidas.

Eleger deputados indígenas é considerado extremamente importante para as comunidades do Estado, que se vêem diante de situações que podem ser melhor solucionadas por

meios políticos. "Termos vereadores indígenas já é um avanço, mas eles fazem um trabalho de 'formiguinha', trabalhando para sua comunidade. Agora, ter representantes no Senado ou na Câmara seria muito melhor, pois estariam buscando o melhoramento de vida dos povos indígenas em nível nacional, como era a vontade do meu pai. Assim, a sociedade vai mudar a visão que tem do índio, porque existe ainda um preconceito e desconhecimento por parte da sociedade em relação aos povos indígenas do Brasil", afirmou a filha de Juruna. Segundo ela, o pai queria mesmo não só o bem das populações indígenas, mas de outras tantas classes oprimidas da sociedade e seus ideais eram embalados pelo trecho da música de Geraldo Vandré: "Vem, vamos embora. Que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

Edição de títulos, legendas e fios:

- Ana Laura Sandim

- Tatiane Santinoni



Participação - Pedro Kemp em prol de vereadores indígenas

A UCDB deseja um feliz
Dias das Mães

Em diversas áreas a oferta é grande

Ainda há vagas de emprego

Laziney Martins

A crise econômica que afeta os Estados Unidos já tem reflexos em alguns setores de Mato Grosso do Sul, como no caso das empresas que trabalham com exportação. No entanto, em outras áreas como prestação de serviços e comércio a oferta de postos de trabalho continua.

Vilma Benedita Jertudres, de 47 anos, é uma das pessoas que conseguiu emprego em meio à crise. Ela está trabalhando há dois meses, é acompanhante de uma idosa. Segundo ela, a crise afetou sua ida à farmácia. "Procurando sempre o medicamento manipulado, se eu compro na farmácia custa R\$ 45,00 se eu mesmo manipular, o mesmo medicamento sai por R\$ 22,00", conclui.

Coordenadora e Intermediadora de Emprego da Fundação do Trabalho de Mato Grosso do Sul (Funtrab), Elen Souza, conta que a crise chegou em alguns setores ligados

à exportação, no caso do mérino de ferro. A MMX, empresa de Corumbá, fez o chamado "Bolsa Qualificação", ou seja, qualifica seus funcionários mantendo seus pagamentos.

Marcos Romeiro Espíndola, de 40 anos, perdeu o trabalho há um mês, hoje ele vende salgados, e a esposa complementa a renda da família. "Vejo na crise uma oportunidade de me superar", conclui Marcos.

Elen comenta também que os campo-grandenses vão procurar emprego de segunda a quarta-feira. No restante da semana a Funtrab fica vazia. As vagas que tem maior dificuldade de serem preenchidas são de cozinheiro e construção civil. "As pessoas fazem cursos, se qualificam, mas ninguém quer começar a trabalhar de auxiliar de cozinha. O investimento feito no curso não corresponde ao posto proposto pelo mercado de trabalho".

Elen Souza conclui dizendo



Comércio - Loja da Capital busca novos funcionários, oportunidade em meio à crise para muitos trabalhadores desempregados

do que poucas empresas têm o plano de cargo e carreira. "A maioria das empresas que têm são multinacionais".

Oferta

Dados do Cadastro Geral de Empregos e Desempregados (Caged) apresentam uma elevação de 5,04% na oferta no mês de fevereiro em relação a janeiro deste ano, totalizando uma geração líquida de 2.208 novos postos de trabalho em Mato Grosso do Sul. O que representa um acúmulo de 4.310 empregos com registro em carteira no primeiro bimestre de 2009, equivalente a 1,25% de aumento. O Estado é o terceiro no número

de vagas no país, superado pelos Estados de Goiás e Rondônia.

O setor de serviços foi que mais contribuiu para o desempenho do mercado formal, agregando 1.055 postos de trabalho, em seguida vem a agricultura, indústria da transformação.

Dentre os municípios se destaca Nova Andradina, tendo um saldo de 934 postos de trabalho Dourados com 317, Campo-Grande aparece em terceiro lugar em contratação com 240 empregos gerados.

Coordenador do Observatório do Trabalho Conrado Pires de Castro, comenta que todo ano tem uma variação no mês de janeiro pois as contas

de início de ano, IPTU, boletos das compras de natal, IPVA. "O único setor que não para é o setor da alimentação e bebidas, com as proximidades do carnaval".

Dicas

Para o economista e comerciante Wilson Lima, isso surgiu no ano de 1973 quando apareceram as facilidades de crédito, mais parcelas com juros baixos, aquecendo a economia.

Segundo ele, de 2005 a 2008 houve uma expansão industrial de consumo, facilidades de obter crédito, com isso as pessoas começaram a ter mais tempo para começar a

pagar. Wilson Lima diz que Campo-Grande é consumista e "novidadeira", gosta de produtos novos.

Hoje 70% das lojas de empréstimo pessoal de Campo Grande fecharam. O economista exemplifica: "se você ganha R\$ 400,00 guardando 5% do seu salário no fim do ano você terá R\$ 240,00".

Edição de títulos, legendas e fios:

- Paula Vitorino

ECONOMIA

Informalidade é uma alternativa para superar o desemprego

RENDIMENTO EXTRA

Otávio Cavalcante

A falta de emprego, a dificuldade para conseguir a tão sonhada aposentadoria e a necessidade de obter renda, faz com que a sociedade busque saídas lucrativas para superar a crise e manter seu sustento e de sua família, o reflexo disto é o grande número de vendedores informais em Campo Grande.

O lado bom é que nas regiões metropolitanas do Brasil, o emprego informal tira mais pessoas da pobreza do que o emprego formal, afirma um estudo publicado em outubro do ano passado pelo Centro Internacional

de Pobreza, um instituto de pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Há 30 anos seo Gabriel Bobadilla está no setor informal vendendo biscoitos. Hoje, na Praça Ari Coelho, no centro da Capital, com muito orgulho fala dos benefícios que conseguiu. "Criei meus três filhos só com o dinheiro dos biscoitos", afirma.

De cada dez vendedores informais da Ari Coelho, oito já poderiam se aposentar, mas ainda não conseguiram obter este benefício como é o caso do seo Gilson Ortega, de 42 anos. Ele sofre com problemas de saúde, que o proíbe de trabalhar no setor formal. "Minha única renda é a venda de sorvetes, há cinco anos luto para conseguir me aposentar, mas percebo que é somente

um sonho", afirma Ortega. Clodoaldo Ribeiro da Silva, o Paulista, como gosta de ser chamado, deixou de ser patrão para ser informal, tinha uma microempresa no Estado de São Paulo, como ele conta. "Trabalhava muito, mais de 15 horas por dia, era muito estressante, hoje vendendo espetinho, trabalho no máximo seis horas, e só de segunda à sexta-feira".

Paulista vende espetinhos em frente da Universidade Católica Dom Bosco, junto com sua esposa. Chega às 18 horas e fica no local até as 23 horas. Vende cerca de 180 espetinhos em uma noite. Paulista nunca trabalhou com carteira assinada, tem apenas o ensino médio.

O setor informal gera muitas vantagens, uma delas é a geração de empregos tanto para quem cria formas lucrativas, também para quem acha se empregando neste ramo.



Na praça - Diversos produtos são vendidos as pessoas que por ali passam e geram renda

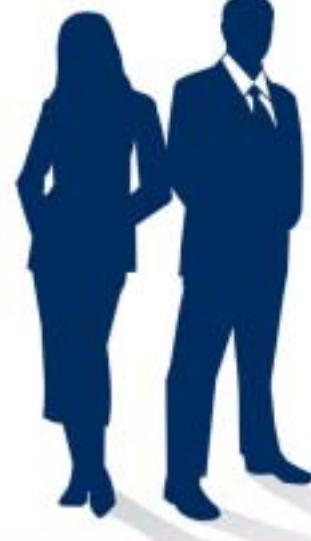
É o caso do Anderson de Assis, de 16 anos, ele é como se fosse um menor aprendiz para

Valdir Rodrigues da Silva, que trabalha vendendo cachorros-quente em frente à

UCDB. Além do Anderson, Valdir também emprega seu pai.

CAMPO GRANDE - ABRIL DE 2009

**EX-
ACADEMICO**



**Conheça o NOVO SITE,
atualize seu CADASTRO
e dê mais visibilidade
ao seu CURRÍCULO.**

Informações:
3312-3479



www.ucdb.br/exacademic

"Liberdade para ir e vir tranquilamente, sem mais preocupações além das que eu já tenho", é o desabafo de Pedro Martinez, 20 anos, acadêmico de Jornalismo, e deficiente físico, em resposta ao que vem a ser acessibilidade. Palavra esta que, de acordo a Lei N° 10.098, de 19 de dezembro de 2000, estabelece normas e critérios para a promoção de acesso das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Após o Decreto Lei 5296, no ano de 2004, a Lei da Acessibilidade passou a ser regulamentada. "O decreto sai para fazer acontecer", comenta a diretora-geral do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas (Ismac), Telma Nantes de Matos. Para ela, o deficiente visual tem facilidade na inclusão social, a dificuldade era o acesso à informação, educação e tecnologia. "Nossas conquistas foram acontecendo de cinco anos para cá", conta a diretora do Ismac.

São poucas as conquistas, frente às dificuldades que ainda enfrentam os deficientes, ou portadores de necessidades especiais. "Muda-se os nomes, mas não se muda as atitudes", ressalta Telma.

"Democratizar a informação é a nossa preocupação, enquanto concretizar a legislação é a nossa maior luta", finaliza Telma.

Irregularidades

Apesar de toda regulamentação quanto à inclinação transversal de calçadas – não podendo ser superior a 3%, uso de piso tátil, e construção de linhas-guia, na prática, as adaptações, quando existentes, estão erradas segundo o deficiente físico Pedro Martinez. "A rampa é muito íngreme, as portas dos locais são pequenas. A gente tem que pensar, antes de ir aos lugares, nunca tem aonde ir, por conta da falta de acesso", conta revoltado Pedro, que faz uso da cadeira de rodas.

Preconceito

"Como grande vilão

Portadores de deficiência desabafam sobre as dificuldades encontradas no dia-a-dia

Acessibilidade para todos

Foto: Paula Maciulevicius



Estrutura - Bruno comenta a falta de preparação dos profissionais, pois essa falta de qualificação e estrutura adequada impede o acesso dos portadores de deficiência

para o deficiente, encontra-se o preconceito", diz Acedir Jesus de Souza, professor de informática do Ismac e deficiente visual. "O Brasil ainda é preconceituoso, passei por algumas coisas bobas, às vezes é o despreparo também", explica Bruno Duarte de Mello, 17 anos, acadêmico de Direito e deficiente visual.

Acessibilidade para Bruno é ter o mesmo direito das outras pessoas que não têm qualquer dificuldade; quanto ao despreparo, este vem da parte dos professores, explica o estudante.

Tecnologia

Enquanto enfrentam o preconceito, falta de qualificação dos educadores e de estrutura adequada, a tecnologia traz cada vez mais acessibilidade aos portadores de necessidades especiais. Através do software de voz, deficientes visuais têm acesso normal à internet e tudo mais, não só do computador, como também do celular, que dita toda e qualquer operação digitada pelo deficiente.

Segundo o Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 25 milhões de brasileiros declararam possuir alguma deficiência, o que significou um salto de 1,41% em 1991 para 14,5% da população. Uma possível explicação para esse acontecimento é, além do aumento da expectativa de vida do brasileiro, a conscientização da sociedade, assim como do próprio portador de necessidades especiais. "Cada vez que sai uma matéria nossa na mídia, é um a mais que aparece. Eles ficam lá no fundo, às vezes, escondidos", comenta a diretora Geral do Ismac sobre o papel do jornalista pela causa do deficiente. "É mostrar para o povo que têm as normas, e que elas se aproximam das nossas necessidades", completa Telma.

"Nós já demos um passo enorme", explica Bruno em relação ao avanço na acessibilidade. "A gente escuta: 'Eles conseguem fazer isso!'



Adaptação - Fazer alterações em seu veículo, foi a maneira que Pedro encontrou para se locomover

Foto: Paula Maciulevicius

Ele é capaz!", finaliza a idéia do irmão, o deficiente auditivo Leandro Duarte de Mello, de 19 anos. Para a mãe Sônia Yara Mello Francelino, os maiores obs-

táculos vivenciados pelo deficiente visual, são os colados pelos videntes. "Eu vejo a legislação, mas não observo o cumprimento", desabafa quem sempre lutou

com esperança pelos direitos dos filhos.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Laura Peres Santi

- Teresa de Barros

Família se adapta para atender as limitações de seus integrantes

Paula Maciulevicius

No dia-a-dia da família Mello, acessibilidade está sempre em questão, os irmãos Bruno, 17 anos, e Leandro Duarte de Mello, 19 anos, são portadores de necessidades especiais e hoje a principal preocupação da família vem do mercado de trabalho. "Estamos tentando prepará-lo com cursos técnicos", diz a mãe Sônia Yara Mello Francelino, dentista, sobre o Leandro, deficiente auditivo, enquanto o sonho de Bruno é ser Juiz de Direito.

Sonho este que a família não mede esforços para realizar, mesmo sem a existência de livros do curso em braile, a família de Bruno passa para o computador, através do scanner, as páginas a serem estudadas, e por meio de software especializado, as letras são passadas e impressas no braile.

Adaptações

A sistemática adotada na família que tem um deficiente visual e um auditivo é trabalhar a questão dentro de casa. Para Leandro, deficiente auditivo foram 12 anos de terapia fonoaudióloga e mais três horas de exercícios diários em casa. O resultado é que ele tem a fala quase perfeita, apesar de ouvir de 25 a 30%. "O fato de não ouvir, limita um pouco o entendimento", relata a mãe Sônia. "Já para o deficiente visual não", completa.

No cotidiano, para Leandro era muita leitura, e quando criança, Bruno tinha as roupas no armário, penduradas no cabide que era enumerado, sempre perto havia uma agenda, em braile estava descrito como era cada peça do cabide e com qual roupa combinava. "Ele sempre se vestiu sozinho, eu falava que não queria que ele saísse vestido de bandeira brasileira", brinca Sônia.

Os irmãos também se ajudam nas horas de lazer, nos jogos de futebol na televisão, enquanto Leandro conta para Bruno sobre os lances, o outro repassa as informações dos narradores. "O que falta em um, sobra no outro", brinca a mãe Sônia Mello.

"Eu quero vencer em tudo o que eu faço, ser juiz, chegar a uma paralimpíada, com o judô. Para isso, eu tenho que destruir, para chegar longe", sonha Bruno Duarte de Mello. "As coisas estão começando agora, eu quero trabalhar, ter uma família e mais pra frente, estar no topo. O que eu vejo pelas outras pessoas deficientes também, é que a gente se sente sozinho. Hoje eu estou feliz, tenho uma namorada que me aceitou do jeito que eu sou", conta Leandro de um sonho que em parte já se tornou realidade.

A deficiência na família começou em 1989, aos 11 meses, Leandro, hoje com 19 anos, foi internado com pneumonia, e

segundo a mãe, Sônia, três meses após essa internação foi observado um retrocesso no desenvolvimento dele. A possibilidade para o ocorrido, de acordo com Sônia, pode ter vindo de um erro médico na administração do antibiótico Garamicina, que em doses elevadas pode causar danos ao nervo auditivo em crianças.

Já no caso de Bruno, o diagnóstico de glaucoma veio ainda criança, e foi controlado até os seis anos, mas um dia ao chegar em casa da escola, Bruno sentiu os olhos um pouco doloridos e resolveu deitar para ver se melhorava. "Quando acordei, já estava sem enxergar", conta Bruno sobre a perda da visão direita. Aos sete anos, em um acidente de bicicleta, o menino bateu o olho esquerdo no guidão. "Pelo glaucoma, e com o acidente, teve o descolamento da retina", explica Bruno.



Acesso - Perda auditiva não é barreira para Leandro

Clonagens preocupam consumidores

Bancos contra fraudes!

Leonardo Amorim

As fraudes envolvendo cartões de crédito, cheques e contas bancárias, se tornam cada vez mais comuns devido ao rápido avanço da tecnologia.

Eficazes e competentes com a relação à preservação dos clientes, os bancos não divulgam qualquer tipo de informação quanto a essas operações ilegais e tampouco deixam "na mão" as vítimas.

O vendedor Carlos Ramão Nantes, de 50 anos, ao sacar um dinheiro para dar ao filho percebeu que seu saldo estava negativo. Imediatamente acionou o banco e o gerente o informou, após consulta, que seu cartão havia sido clonado e que fizeram cinco saques de R\$ 600, dois da conta corrente e o resto da poupança. "Eu fui ao banco e fiz uma carta informando que não fiz tal operação, até porque foi um saque de Curitiba e outro de São Paulo. Em três dias meu dinheiro já estava de novo na conta", conta Carlos.



Cartões - Cada vez mais comum, o número de clonagens de cartões preocupa instituições financeiras e clientes dos bancos

com cartão de crédito. A estudante negou e complementou dizendo que ninguém da família havia utilizado o cartão nos últimos dias. No mesmo momento a atendente infor-

mou a estudante de que seu cartão havia sido clonado e que ela deveria ir a uma agência para mudar a senha e fazer outro cartão. "Lá na agência tive que assinar um termo de não reconhecimento da compra e eles iriam tentar descobrir quem havia feito o roubo. Então debitou da minha conta no vencimento e depois o banco fez o reembolso do valor exato", detalha.

O funcionário público D.S.S. que não quis se identificar, também contou com a eficiência do banco e teve um caso um pouco mais complicado. D.S. teve a conta invadida e os bandidos pagaram 16 contas telefônicas no valor total de R\$ 2.800, fizeram um empréstimo de R\$ 1.000 no Crédito Direto na Conta (CDC) e compraram um cartão de celular de R\$ 100. Desconfiado da movimentação financeira, o banco também ligou para o cliente e como

conhecia o correntista há algum tempo, apenas o informou que estava bloqueando a conta, pois ela havia sido invadida. "Levei sorte porque tudo foi feito no final da tarde, quando as movimentações financeiras são encerradas. Perdi apenas o valor da CPMF, que depois o banco me reembolsou", explica.

Prevenção

Para caso como os dos personagens desta matéria, hoje existe um site de prevenção a fraudes e outros perigos do mundo financeiro. O www.fraudes.org, criado em 2000, além de alertar, realiza fóruns de discussão e informa sobre as leis relacionadas ao assunto. A página ainda recomenda que sejam tomados alguns cuidados, que parecem banais, mas podem ser eficazes, como, evitar senhas óbvias (datas de aniversário, pla-

cas de carro), não digitar senha ou número de cartão em telefones públicos ou que memorizem os números digitados, olhar ao redor antes de usar seu cartão, jamais emprestar o cartão e tomar cuidado com esbarroes, pois numa trombada o golpista substitui seu cartão por um falso.

As agências bancárias foram procuradas para detalhar os casos citados, porém informaram que todas as ações realizadas são de acesso exclusivo de cada correntista e seu respectivo banco.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Rebeca Arruda



Finanças - Site dá dicas de prevenção contra fraudes

GERAL

Obesidade infantil: um alerta para a saúde deles

Foto: Ana Laura Sandim

Ana Laura Sandim

A obesidade infantil tem crescido a cada dia, e com ela as preocupações dos pais em como fazer com que as crianças emagreçam e evitem futuros problemas de saúde.

Na década de 70, no Brasil, 4% das crianças e adolescentes de 6 a 18 anos eram obesos, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Um estudo publicado pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) indica que atualmente 15% dessa população estão acima do peso.

A obesidade infantil acontece geralmente em função de uma combinação de fatores psicológicos, hábitos alimentares errôneos, propensão genética e estilo de vida da família, entre outros. As formas de vida sedentária, facilitadas pelos avanços tecnológicos como a televi-

são com controle remoto, elevadores, escadas rolantes, computadores, vídeos-game também favorecem o ganho de peso nas crianças. Como toda causa há uma consequência, no exemplo acima, os atos praticados causam muitos prejuízos à saúde, como problemas ortopédicos, infecções respiratórias e de pele, cirrose hepática por excesso de gordura depositada no fígado – a chamada esteatose, e o mais grave é que a criança obesa tem mais chance de se tornar um adulto rechonchudo.

Tratamento

No Hospital Regional Maria Rosa Pedrossian, em Campo Grande, existe o setor de Terapia da Obesidade Infantil (TOI) que atende gratuitamente crianças e adolescentes obesos, ministrando palestras com endocrinologista, nutricionista, psicólogo,

professor de educação física e, ainda há o acompanhamento toda semana.

Wendel Menezes Brites, de 6 anos, pesa 46 quilos e está com 19 acima do peso. Ele é uma das crianças que freqüenta o setor terapêutico do hospital para emagrecer e desabafa: "eu como de tudo, desde frutas e verduras até doces e salgados, mas não consigo comer pouquinho". A mãe dele, Geicilayne Espíndola de Menezes, percebeu que o filho comia por ansiedade e não porque estava com fome. "Foi a partir desse momento que resolvi trazê-lo aqui no hospital para começar o tratamento e percebi que a minha família precisa mudar os maus hábitos alimentares".

A nutricionista Samantha Abrão de Souza, uma das profissionais desse setor, esclarece que o objetivo do projeto não é que a criança ema-

greça, mas que ela comece a ter uma alimentação saudável para crescer com saúde e com o peso ideal. Segundo ela, não só as crianças, mas os jovens, os adultos e os idosos também devem ter uma alimentação equilibrada, com cinco a seis refeições ao dia.

Nutrição

Samantha sugere a ingestão diária de três porções de frutas ou suco, quatro a cinco porções de vegetais, um prato de sopa de legumes, dois copos de leite ou derivados e duas fatias de carne, sempre variando entre a vermelha e a branca. Já a sobremesa só em ocasiões especiais, como aniversários e casamentos.



Alimentação - Wendel de 6 anos quer perder 19 quilos



ESSA PEGA



91.5 FM UCDB

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Professores da Rede Estadual de Ensino reclamam da falta de infraestrutura e alunos são os mais prejudicados

Educação em situação precária

Haryon Caetano

Todas as manhãs, Rosa Maria Lemos, professora da Rede Estadual de Ensino sai às 5 horas de casa para enfrentar seu desafio diário, formar seus alunos com a maior qualidade possível utilizando o mínimo de recursos didáticos e estruturais das escolas estaduais. Na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul lecionam cerca de 20 mil professores e, muitos enfrentam situação idêntica ou semelhante, melhorando ou piorando dependendo da escola onde leciona.

“É complicado, às vezes nós professores temos até que repartir o giz, quebrando-o no meio”, lamenta Rosa enquanto atravessa de ônibus a Capital, de norte a sul, para chegar ao local de trabalho, o trajeto leva duas horas.

Essa dificuldade de de materiais contrasta com o piso salarial dos professores da rede estadual que é o maior do Brasil. “O salário é bom. Dele eu não posso reclamar. Só faltam recursos para tornar a aula mais atrativa para os alunos”, complementa Vilma de Fátima Conceição que trabalha em uma escola estadual na cidade de Dourados.

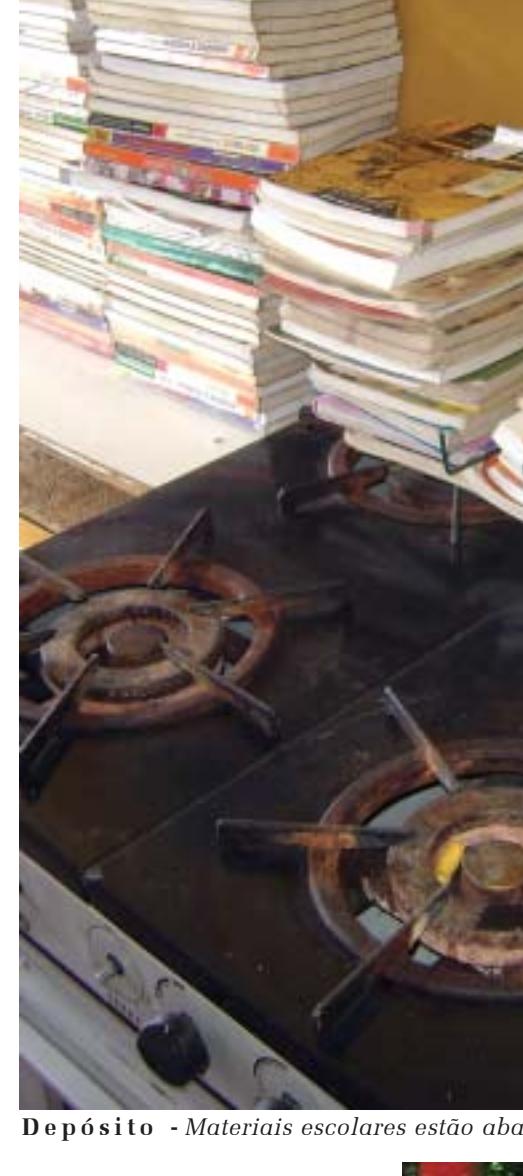
Em Campo Grande, a falta de material pedagógico complementa

tar é um dos motivos que influenciam na evasão escolar. Um dos primeiros colégios estaduais da Capital, o Antônio João de Figueiredo, localizado no bairro Amambai, foi fechado no final do ano passado devido à ausência de alunos. A duas quadras deste colégio, a Escola Estadual Guia Lopes, mesmo tendo recebido parte dos estudantes da Antônio João, estampa uma faixa ao lado do portão de entrada informando que há vagas disponíveis. Na escola, inclusive, não há sequer armários para guardar os livros que seriam entregues para os alunos. O material está encostado em cima de fogões velhos e carteiras escolares, recebendo umidade e aguardando a matrícula de quem os receba.

Segundo a Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado de Educação (SED) de Mato Grosso do Sul, está sendo estudado um possível remanejamento de alunos para atender melhor as necessidades de cada estudante e escola. Já foram até recomendadas novas mobílias para 35 escolas que apresentam as piores situações. A SED informou ainda, que fez o pedido de 864 computadores que serão disponibilizados em todas as escolas, mas estes chegarão às mãos dos alunos até o final de 2010.

Contraste

Equipamentos informatizados que auxiliam o professor na sala de aula já podem ser encontrados em algumas escolas de Campo Grande. “Há três anos utilizamos a lousa digital. Ela não resolve todos os problemas, mas ajudou muito a captar a atenção dos alunos. A qualidade da aula agora só depende de nós professores”, resume o professor João Samper, dono de uma escola particular da Ca-



Depósito - Materiais escolares estão abandonados e empilhados nas escolas de Capital que sofrem com a falta de alunos

pital.

A lousa digital é um telão interativo que através de uma caneta especial, reconhece o toque no painel e digitaliza as informações no projetor. O quadro se torna uma grande tela de computador sensível ao toque. Escolas públicas de Vitória, no Espírito Santo, já dispõe de tal tecnologia. O material não é relativamente caro, podendo ser adquirido por até 8 mil reais.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Leonardo Cabral
- Teresa de Barros
- Kária Ramos



Foto: Haryon Caetano



Foto: Haryon Caetano

Abandono - Escola Estadual Antônio João Figueiredo fechou ano passado pela falta de alunos

Israel Ricci

Câncer: revelar ou não o diagnóstico da doença?

Mirian de Araujo

Entre uma visita e outra no Hospital do Câncer, encontram-se pessoas que nem sabem o motivo de estarem naquele lugar. Muitas vezes por decisão da família por não contar o diagnóstico do médico, outras por serem crianças e desconhecerem a gravidade do problema. O período que se segue até a confirmação do câncer, atinge a família inteira e exige muito das pessoas próximas ao doente.

É o momento em que muitas decisões precisam ser tomadas, como lidar com os sentimentos provocados pelo conhecimento do diagnóstico, se o doente deverá ou não saber; como, falar para ele.

Dona “G” não quis se identificar, pois tem medo que o filho de 25 anos descubra que está com câncer no estômago ao ler esta reportagem. A doença tomou conta da maioria dos órgãos internos como pâncreas, esôfago e estômago. “Meu filho está nas mãos de Deus, mas ele não sabe, não tive coragem de contar, ele acredita que está tratando de uma úlcera no estômago, não posso ser tão cruel com ele, sofro calada, minha vida é chorar sozinha no

quarto enquanto vejo ele gemer de dor, sem saber qual é sua doença verdadeira”, afirma a dona de casa.

Para a psicóloga Neidi Ferreira, o correto é contar ao doente a gravidade do problema, por que será muito pior se ele descobrir sozinho. “Ele vai se sentir traído quando descobrir que mentiram para ele, é direito dele saber e além do mais, ele acima de todos, tem que querer se tratar”, afirma.

Mas também existem pessoas que estão com a doença e escondem de seus familiares, tudo para evitar um sofrimento, como é o caso de Maria (nome fictício), de 46 anos. Há dois anos ela luta contra o câncer de útero, mas não contou para sua família, para não desesperá-los. “Eles não sabem da minha doença, não posso contar, minha família se apóia em mim, se eles ficarem sabendo irão sofrer demais e eu não acho justo, às vezes tenho vontade de gritar o quanto está doendo, mas não posso, eles vão descobrir somente quando eu morrer”, desabafa.

Já na contramão encontra-se a família Araújo, em que o patriarca Jorge Rodrigues, de 63 anos, está doente. “Minha

família sabe que estou doente, eles me ajudam, me dão força, às vezes quero desistir, porque são muitos exames, além da dor que é intensa, mas quando vejo que eles têm esperança na minha cura, eu me levanto novamente”, afirma o vigia noturno que parou de trabalhar para se tratar de um câncer no estômago.

Revelação

Segundo à psicóloga, Neidi Ferreira, não se deve contar ao doente de uma vez. É necessário esperar o tempo oportuno. “Quando descobre o diagnóstico, uma série de decisões sobre o tratamento serão tomadas, então é importante que espere o momento certo para revelar, além disso é fundamental que ambos estejam calmos, para no momento de desespero que naturalmente vai surgir um possa consolar o outro”, conclui.

A psicóloga também orienta que se na hora de contar a verdade tiver vontade de chorar não precisa se reprimir”. O choro é como um desabafo, não é necessário esconder do doente o medo. Isso faz parte do sentimento humano, é algo natural, e se o doente tiver vontade de gritar ele deve desabafar da maneira que provavelmente irá se sentir melhor”, afirma.



viva a vida, viva o verde.
Meio Ambiente: preserve.

COMUNICAÇÃO
Agência do Curso de Publicidade
UCD